

NARRAÇÃO DO ACONTECIMENTO E IDEOLOGIA: O EXEMPLO DO 11 DE SETEMBRO NA IMPRENSA FRANCESA.

Maria Cristina Santiago da Silveira¹

“Só a verdade vos libertará”

João, 8:32

“O segredo da Verdade é o seguinte:

Não existem fatos, só existem histórias.”

João Ubaldo Ribeiro

Viva o povo brasileiro, 1984

Resumo: A narração jornalística, ou seja, a construção do acontecimento no discurso jornalístico, é o ponto de partida das investigações deste artigo. Interessa-nos, aqui, o discurso associado às representações sociais, sobretudo ao que equivale a modelos identitários revelados na narração do acontecimento. Após os atentados terroristas do 11 de setembro nos Estados Unidos, inúmeros artigos de imprensa escrita francesa, deram a oportunidade de se observarem aspectos das representações sócio-discursivas e modelos identificatórios interferindo na narração do fato. O discurso da mídia impressa francesa é importante, pois a França estaria num ponto de desconstrução da chamada grande fratura mítica, ou seja, do choque entre civilizações ocidentais e orientais.

Palavras-chave: discurso; representações sociais; imprensa escrita.

ABSTRACT: The journalistic narrative, meaning knowledge construction in the journalistic discourse, is the starting point for the investigations of this study. This research focus is the discourse related to social representations, mainly the identity models in the narrative (news) of the fact. After the September 11 attacks, several French articles from the press, provided the opportunity to observe aspects of socio-discursive representations and identification models interfering in the narration of the fact. The discourse of the French press is relevant, because France would be in a phase of deconstruction of the great mythical fracture, a period of shock between Western and Eastern civilizations.

Key words: discourse; social representations; written press.

INTRODUÇÃO

Quando as torres do World Trade Center vieram abaixo

1Graduada em Letras pela UFJF, especialização em Relações Internacionais pela Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, Mestre em Letras pela PUC-Rio, Doutora em Letras Neolatinas, opção Língua Francesa, pela UFRJ. Militar e professora de Francês e Português no Exército Brasileiro, desde 1992, com especialização em Psicopedagogia, é atualmente chefe da Seção de Apoio Pedagógico do Colégio Militar de Juiz de Fora – MG. Em 2010 participou da Missão de Paz da ONU para Estabilização do Haiti como intérprete de francês.

Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP

<http://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

ISSN: 2238-8060

– ou melhor, na undécima vez que as vimos cair, na tela da TV
– sabíamos todos que alguma coisa em nosso mundo tinha
mudado para sempre, que, como se apressaram a dizer
praticamente todos os comentaristas, da mídia ou da
academia, uma nova era havia começado.

Fernando Lattman-Weltman (2003)

O mundo mudou. Ele não será certamente mais o mesmo
depois dos atentados de setembro de 2001. As torres que se
volatilizaram levaram consigo crenças, representações e
pensamentos.

Denis L. Rosenfield (2002)

Este artigo parte de investigações sobre a narração jornalística de um fenômeno, ou situação, e da construção do acontecimento no discurso: os atentados terroristas do 11 de setembro ao World Trade Center, em Nova York, e a imprensa francesa. O interesse em desenvolver um estudo a partir de artigos veiculados pela mídia, mais especificamente a imprensa escrita francesa, visa a uma observação de aspectos das representações sócio-discursivas e de modelos identificatórios que possam interferir na narração do fato.

Entendemos, assim como afirma Py (2004: 6; 2000: 117), que o discurso é o lugar privilegiado onde se dão as representações sociais. No entanto, enquanto as abordagens concernentes aos estudos das representações, no âmbito da linguística, de modo geral, partem da análise *sobre/do* discurso, a fim de se estudar primordialmente aspectos da “consciência linguística” dos falantes (o que leva a estudos sobre bilinguismo, multilinguismo ou aprendizagem da língua), neste trabalho optamos por explorar a descrição do acontecimento *pelo* discurso, como acontecimento social que estrutura e é estruturado (GAJO, 2000: 40) pela realidade a seu redor. Trataremos, portanto, especialmente, de uma chamada “consciência/inconsciência identitária” a partir do discurso, atribuindo ao próprio discurso papel fundamental na constituição, reorganização e transmissão de representações identitárias, somando ao sentido semiótico do termo representação um sentido político e de engajamento crítico.

Parte-se do princípio de que subjacente ao discurso, ou mediando o discurso, a sociedade e o sujeito (que produz ou interpreta sentidos do discurso), estão as representações psico-sócio-discursivas (de base mental e

Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP

<http://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

ISSN: 2238-8060

social) e as ideologias subjacentes às representações. Ao mesmo tempo, a partir da análise da construção midiática do acontecimento, observaremos traços da representação da identidade nacional que, se acredita, é em parte construída com o passar do tempo, no discurso.

O discurso utilizado pela imprensa, mais especificamente, torna-se interessante para o estudo que se pretende fazer, no sentido de se buscar o uso da linguagem do discurso cotidiano. Enquanto manifestação da língua, o discurso jornalístico, ao narrar um acontecimento, está marcado por representações que o condicionam. O discurso jornalístico (informação) remete às representações que os homens e sociedades fazem de suas identidades e modos de relacionamento (D. WOLTON, 2004).

Enfim, parece extremamente válido o estudo de como a imprensa, a partir das representações sócio-discursivas, atua na própria memória e no imaginário do leitor, e, paralelamente, a partir do imaginário do leitor - o que por si só justifica o interesse que os textos jornalísticos atraem para si.

A escolha de se fazer um estudo do discurso veiculado pela mídia impressa francesa se dá, basicamente, pelo fato de que, a nosso ver, a França estaria num *ponto de minimização* das ideologias polarizadas, que se convencionou chamar de fraturas. A grande fratura mítica – explorada e construída por diversos autores, em livros, artigos ou ensaios - é a do choque entre Ocidente e Oriente, ou, mais especificamente ainda, entre Ocidente e islã (islã aqui entendido como a religião). O Ocidente é tradicionalmente visto como a cristandade, *versus* o islã, e sobretudo islamismo, ou o integrismo islâmico (integrismo que, como veremos, não é particularidade da religião islâmica). A França parece ser um ponto de ruptura construída no sentido de que nela existe uma grande e histórica confluência de povos de origem islâmica. Desde Carlos Magno, passando pelas *nações*, como eram conhecidas as universidades do século XV, aos conflitos de libertação de suas colônias, a França nos oferece um especial campo de pesquisa.

Também porque, segundo Todorov, a reflexão sobre a questão do Outro na França é longa e rica, e foi central para a história europeia, uma vez que a

Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP

<http://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

ISSN: 2238-8060

França teria absorvido contribuições de outras tradições, influenciando-as, por sua vez (TODOROV, 1989:13).

No caso do 11 de setembro, tratou-se de um evento não ordinário, que justamente rompeu com o ordinário, foi um acontecimento inédito, que desafiou *nossas categorias prévias de dar sentido ao mundo*. Encaixou-se no que Charaudeau (2006) chama de “Potencial de imprevisibilidade”, ou seja, a maneira em função da qual o acontecimento foi selecionado e construído, neste caso, a saliência foi produzida pelo fato de que o acontecimento escolhido veio a perturbar a tranquilidade dos sistemas de expectativas do sujeito consumidor de informação, o que leva a instância midiática a pôr em evidência o insólito ou o particularmente notável.

Metodologia

A metodologia utilizada para a análise do corpus baseou-se na investigação sócio-cognitiva/ideológica e nas teorias de análise do discurso de mídia impressa (VAN DIJK, 1988.) assim como na tipologia do texto de informação (CHARAUDEAU, 2005).

Para van Dijk, os textos de imprensa necessitam de sua própria análise estrutural, a saber, uma análise ideológica, cultural e linguística. Paralelamente, existe a necessidade de uma teoria interdisciplinar. Seu modelo de análise baseia-se em uma organização temática, específica, onde o tópico, parte dessa estrutura, é uma macroproposição subjetiva, estrategicamente derivada, ligada a sequências de proposições por macroprocessos (regras, estratégias), numa base de conhecimento de mundo, crenças e interesses pessoais. O leitor possui modelos de interpretação, que estariam estocados em sua memória episódica e dariam a informação que falta na interpretação de atos ou ações do discurso.

Tanto para Charaudeau (2005) quanto para van Dijk (1998) existe uma especificidade no discurso de notícias, ou seja, existem certas especificidades na organização temática, em que os tópicos podem ser organizados, expressos ou assinalados de maneira específica, ou o que van Dijk chama de *Teoria de*

macroestruturas semânticas.

Segundo van Dijk, inicialmente, é preciso que entendamos a análise de textos de notícias como um tipo de texto ou discurso. Há específicas estruturas do discurso de notícia se o compararmos a outros tipos de discurso. O autor entende que o texto de notícia possui vários níveis ou dimensões de descrição e unidades ou categorias usadas que caracterizam esses níveis ou dimensões.

Corpus: Textos de imprensa escrita francesa após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Foram analisados artigos do jornal *Le Monde on line*, *Le Libération on line*, e dos semanários *Le Point*, *L'Express International*, *Le Nouvel Observateur* e *L'Expansion* dos anos de 2001 (logo após os fatos ocorridos). Em seguida, alguns desses jornais e revistas no aniversário do 11 de setembro, em 2002 e em 2003. Não houve análise de artigos dos mesmos jornais e revistas utilizados em 2001, tanto pela impossibilidade de se conseguirem esses mídiuns, ou então porque nem todos tiveram artigos publicados sobre o 11 de setembro nos anos subsequentes.

A escolha dos jornais e das revistas se deu por um lado pela disponibilidade, à época, e por outro pelo fato de se poder dividi-los entre mais ou menos discretos, mais ou menos eruditos; finalmente, o fato de termos essa diversidade de estilos, tanto semanários sensacionalistas, que exploram as imagens dos ataques em toda sua tragédia, como revista de peso na análise de aspectos da economia.

Representações

O termo representação será utilizado aqui no sentido de uma função de construção de modelos (sociais e mentais) identificatórios.

O termo representação social, claramente marcado pelo aspecto social, tem origem em Durkheim, que utilizava a expressão *representações coletivas* – e, mais especificamente, no âmbito da Psicologia social, é atribuído a Moscovici (1961), Jodelet (1989) e Doise (1990) (Cf. DAGENAIS & MOORE,

Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP

<http://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

ISSN: 2238-8060

2004: 35).

O termo representação social, como entendem Dagenais & Moore: “conceitualiza como os indivíduos e os grupos se servem do discurso para definir e redefinir sua vivência coletiva”. Segundo Jodelet (1988), as Representações sociais designam fenômenos e, deste modo, se apresentam sob formas variadas: são imagens, que condensam um conjunto de significações; sistemas de referência, que nos permitem interpretar aquilo que nos acontece, ou mesmo dar sentido ao inesperado; categorias que servem para classificar as circunstâncias, ou mesmo tudo isso junto.

Ainda para Jodelet, certo é que se trata de uma maneira de interpretar e de pensar nossa realidade quotidiana, de apreender os acontecimentos da vida, as informações que circulam em nosso ambiente, a partir de nossas experiências como também das informações, saberes, modelos de pensamento que recebemos pela tradição ou pela educação. Muito embora as representações sociais sejam uma forma de pensamento social, não se tratam propriamente de fenômenos culturais ou ideológicos. Como sujeitos, interferimos nos acontecimentos, e, deste modo, a psicologia social também aborda as representações sociais a partir de uma interface do psicológico e do social.

Boyer, por exemplo, para fazer referência à norma e avaliação da norma, utiliza o termo *représentations psycho-socio-langagières*, ou seja, representações que pesam sobre as práticas da língua e condicionam sua manifestação (Cf. BOUCHERIT, 2002: 29). Finalmente, é o nosso conteúdo mental que possibilita a restituição simbólica de alguma coisa ausente, distante. O acontecimento é algo que já passou, e o que temos do acontecimento é sua representação. Deve-se enfatizar que a representação, entretanto, não é uma imagem fiel, passiva, como uma impressão no espírito de algo que acontece no mundo exterior: existe uma parte de atividade sempre em construção no ato da representação.

A representação do acontecimento

Nos textos da imprensa relatando os ataques de 11 de setembro, e mais tarde sobre a invasão dos Estados Unidos ao Iraque, estaria subjacente a noção maniqueísta do Bem que luta e vence o Mal, além da prática discursiva baseada nas religiões, o discurso da salvação, do líder que encarna o Bem, com o uso da ideia de Deus que dá permissão para uma eventual “guerra justa” – uma cruzada em nome de Deus. O embate passa então por um discurso de quem se pretende revelador da providência divina. Trata-se de um embate da verdade que se considera absoluta, que desconhece e ignora, quer destruir o que é diferente, ou, ainda pior, pretende salvá-la de si mesma, partindo-se do pressuposto de que a cultura alheia e suas tradições são depositários do Mal, e por isso não há necessidade nem a possibilidade de debates, de conversas ou entendimentos diplomáticos, que buscam nas palavras sua “arma” mais eficaz.

O que na verdade existem, para citar Arkoun (2004), são poderosas *entidades mito-ideológicas*, construções mito-históricas, chamadas de Ocidente e Oriente, com a variante Ocidente-Islã, polarizações do espaço sob a liderança dos Estados Unidos, desde 1945, que continuam influenciando as opiniões públicas, e que, a nosso ver, precisam ser desconstruídas.

Religião e Laicidade: aspectos formadores de identidade.

...après le 11 septembre, (...) l'islam était de plus en plus largement perçu comme "l'Autre", l'ennemi dans toute son alterité. Or, je voulais montrer qu'il faisait également partie intégrante de l'histoire et de l'actualité de l'Europe.

* * *

Nous devons garder à l'esprit que, si certains types de représentations – dont le langage – sont essentiels à la vie humaine, toutes les formes de représentation n'ont pas toujours été essentielles. Et ce, pour la simple et bonne raison que toute représentation suscite invariablement une part de doute – et c'est ce doute qu'a exprimé de façon extrême la destruction des statues de Bamyam.

Jack Goody2

2 ...após o 11 de setembro, (...) o islã era cada vez mais amplamente percebido como “o Outro”, o inimigo em toda sua alteridade. Ora, eu queria mostrar que ele era parte igualmente integrante da história e da atualidade da Europa.---

Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP

<http://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

ISSN: 2238-8060

Após os atentados de 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas do WTC e ao Pentágono, símbolos para os americanos, o Presidente George W. Bush - não se sabe até que ponto conscientemente -, citou a necessidade de uma cruzada e de uma guerra contra o terrorismo. Na verdade, o que estava sob suas declarações, mais especificamente, era a ideia de uma guerra de civilizações: a judaico-cristã contra a islâmica. Essa retomada do vocábulo, e, por conseguinte, do conceito de Cruzada, pelo Presidente Bush, talvez mesmo por desconhecimento histórico, provocou inúmeras reações, sobretudo das comunidades islâmicas dos Estados Unidos e da Europa.

Ora, a visão que o Ocidente sempre teve das Cruzadas foi de uma legitimidade total, enquanto que os *djihad*s eram vistos como uma forma de violência inadmissível (GOODY, 2004:15), e o Islã era tido como uma religião sócio-culturalmente retrógrada. Deste modo, falar em Cruzada contra o terrorismo, relacionando-o à religião, foi uma consequente racionalização. O que pouco se abordou foi se, na realidade, estávamos diante de um conflito religioso, ou muito mais político e social, onde vários dos protagonistas estavam visando, de modo radical, toda uma política capitalista e, sobretudo, a política de uma nação que, como se pode observar através de suas ações no mundo (e como nos lembra Chomsky em algumas de suas obras), considera sua missão guiar o destino do mundo, os Estados Unidos da América. Pode-se fazer referência aqui a Negri & Hardt (2007), e suas obras “*Empire*” e “*Multitudes*”.

Ao mesmo tempo, rapidamente, em vários jornais, se desenharam as caricaturas do mundo muçulmano, integrista, o *Outro*, inimigo, terrorista, totalmente separado, por uma linha de fronteira, do Ocidente, numa confusão total entre política e religião. De todo modo, se tem aí, como base, uma *ideologia de fraturas*, a crença em um *choque de civilizações*. Para Bulliet (2006), a hipótese do choque de civilizações entende que o Ocidente (judaico-

Devemos ter em mente que, se certos tipos de representação – entre os quais a linguagem – são essenciais à vida humana, nem todas as formas de representação foram sempre essenciais. E isso pela simples e boa razão que toda representação suscita invariavelmente uma parte de dúvida – e é essa dúvida que foi expressa de maneira extrema pela destruição das estátuas de Bamiyan. Goody, Jack. 2004.

cristão) sempre esteve e sempre estará em conflito com o Islã.

Religião e cultura

Na França, o sistema de República laica, como é sabido, causa muitas vezes conflitos com as diversas religiões, seus símbolos e crenças. Estudos de Willaime (2004), Burgat (2002) e Cesari (2004) nos permitem identificar os fatores em torno da laicidade, especialmente a francesa, de um país que se toma por maior divulgador deste estatuto do Estado republicano. O discurso do nacionalismo xenófobo estigmatiza cada vez mais o islã e toma fôlego na Europa. O não-europeu agora não é mais o judeu ou o latino-americano, o *latino*, em francês, mas o muçulmano. Conforme Bulliet (Op.Cit.) há um ardor atual em ver no Islã um Outro mal visto, o que comporta um forte potencial de tragédia. Ele continua, afirmando que, para muitos ocidentais, há alguma coisa de maldade no Islã. Parece apropriado aqui citar a obra de Meddeb (2002), criticada justamente por seu título: “A doença do Islã”. Ainda para o autor, não se pode dizer que a Europa tenha sido influenciada apenas por Roma, Jerusalém ou Atenas, mas também por Córdoba ou Bagdá, por exemplo. Há um silêncio evidente sobre a influência cultural muçulmana, caráter tendencioso da leitura das relações islamo-cristãs como hostis e não-produtivas. A tese defendida por Bulliet, no entanto, é de que, muito mais que judaico-cristão, o modelo de civilização islamo-cristã é preferível, pois historicamente Islã e Ocidente não pararam de se assemelhar, mesmo quando seus caminhos se separaram, sobretudo no que toca à separação da Igreja e do Estado, o que não acontece no Islã.

Temos, cada vez mais, as *comunidades imaginadas* em torno do islã, e o discurso racista, cujo maior alvo de desprezo é a cultura alheia, não desapareceu.

Na França, pode-se dizer, há um verdadeiro sentimento de amor à laicidade, e existe mesmo a noção de ser o país que maior difundiu essa prática, o que, a nosso ver, pode realmente chegar ao status de um integrismo “religioso”, em certos momentos.

De todos os elementos intrinsecamente ligados à formação e à definição de uma sociedade, tais como a língua, os costumes, instituições e atitudes, o fator religioso, a nosso ver um dos mais importantes, é muitas vezes subestimado.

Se observarmos o lugar das religiões a partir das representações sociais do ponto de vista da França, podemos entender que, de modo geral, a religião é percebida como o oposto da liberdade e do progresso (Cf. Willaime, 2004). No entanto, mesmo acreditando haver uma singularidade francesa em considerar o lugar e o papel da religião na sociedade, e de viver um regime de laicidade por muito tempo, o próprio autor desta afirmação nos remete ao fato de ser esse esquema extremamente redutor. A narração do 11 de setembro de 2001, transformado em evento midiático, se deu a partir de conotações marcadamente religiosas, o que, em nosso entender, revela a identidade de uma nação.

Para Jocelyne Cesari (op.cit.) é necessário que se analise a imigração muçulmana ao continente europeu e o que ela chama de “momento fundador de um espaço transcultural”. É importante, ainda, para que se compreenda a relação entre cristãos e muçulmanos, analisar as práticas discursivas dos próprios muçulmanos do Ocidente que, em seu entender, são os atores centrais na fabricação do imaginário islâmico hoje (CESARI, 2004:15). O problema maior - ou o que a autora chama de as *ideologias do ódio* -, se apoia nas teses reducionistas do *choque de civilizações* e na retórica anti-ocidental, ou na luta do Islã contra o Ocidente.

Predomina, devemos entender, um discurso racista, sobretudo na extrema-direita francesa, a partir do início da década de 1980. Esse discurso, denominador comum dos partidos de extrema direita, baseia-se na tese de que existiria uma incompatibilidade de culturas, que o islã é inassimilável à “cultura nacional”.

Os muçulmanos encarnam, cada vez mais, a alteridade maior nas sociedades americana e europeia, são o Outro.

Como afirma Laurent Bonnefoy (2003: 14):

De acordo ao que autores como Akbar S. Ahmed, François Burgat, Jocelyne Césari, Fred Halliday, Jochen Hippler, Karin H. Karim, Elizabeth Poole e Edward W. Said demonstram em seus diferentes estudos, o Islã e os indivíduos ou grupos que praticam esta religião sob suas diferentes formas se veem frequentemente estigmatizados negativamente nos discursos midiáticos, políticos e acadêmicos. À luz desses estudos, a estigmatização do Islã parece proceder na França, na Grã-Bretanha ou ainda nos Estados Unidos de uma modelização idêntica. Da figura de alteridade, os muçulmanos passam facilmente à de inimizade.

A percepção negativa das sociedades islâmicas se fortifica, modernamente, a partir dos anos 1980. O “fenômeno islâmico” era pouco compreendido pelo cidadão comum, confrontado que era a uma série de informações que confundiam islã e política. Há, desde essa época, um discurso anti-islâmico que passa por um processo contínuo de legitimação.

Sabemos, entretanto, que não é possível haver uma generalização das avaliações quanto aos povos que professam a fé muçulmana, sobretudo porque entre eles mesmos existem diferenças. Paralelamente, não se pode insistir no já conhecido esquema de oposição total de identidades: Nós e Eles, ou mais especificamente, *nós-Occidentais, Eles-extremistas muçulmanos*.

Antes de tudo, como afirma Cesari (2004:14), é preciso quebrar a gaiola de ferro das imagens e representações do islã, por vários motivos. Primeiro, a história da Europa também se construiu com a participação da cultura árabo-muçulmana, e com ela conviveu por séculos sem os conflitos que, há cerca de 20 anos, tornaram-se mais aparentes e reforçados. Em segundo lugar, porque não se pode definir como extremistas e/ou ortodoxos apenas os muçulmanos, uma vez que ortodoxias e extremismos existem em toda religião. Em terceiro lugar, muçulmanos, cristãos e judeus possuíram e ainda possuem zonas de confluência cultural que contribuem para a convicção de que os *continua* precisam ser observados, e não somente as fronteiras. Além disso, como já citado anteriormente, o mundo muçulmano é riquíssimo de matizes que não permitem a construção de um mito identitário rígido. Finalmente, é preciso que se reflita sobre a real vinculação dos atentados terroristas à religião: a nosso

ver, deve-se observar que existem razões políticas e econômicas muito mais fortes por detrás de atitudes desse porte. Mais especificamente, uma forte necessidade dos religiosos radicais em protestarem em nome apenas da religião, colocando-a acima da primazia política ou econômica de muitos países que professam a fé muçulmana e, obviamente, do Ocidente corrompido pela falta de fé e de moral. O discurso pode também servir para ocultar outros determinantes, como a miséria, fatores políticos, e por isso há a adesão.

A rejeição da cultura árabo-muçulmana

Existe a construção de um mito, ou seja, de que a história europeia se construiu em parte sobre a rejeição da cultura árabo-muçulmana. O que não se diz, ou melhor, o que se oculta é o fato de que elementos desta cultura estão presentes na formação da cultura europeia. Conforme afirma Alain de Libera³, o que jamais entrou na história ocidental latina ou cristã e que continua social e escolarmente oculto é, por exemplo, a filosofia política, o laicismo, o racionalismo reformador do islã e do pensamento árabo-muçulmano cujos ancestrais são, no entanto, pensadores da Andaluzia medieval, como Ibn Badjdja (Avempace), Ibn Toufayl (Abubaker) ou Ibn Rouchd (Averroes).

Do mesmo modo, Libera afirma que esta divisão entre Ocidente e Oriente, tão amplamente decantada e multiplicada, longe de revelar uma separação entre cristianismo e islã foi inicialmente interna no próprio mundo muçulmano com o Estado muçulmano do Ocidente (califado omeiade de Córdoba) oposto ao império oriental dos califas abassídeos de Bagdad. Na verdade, inicialmente nem houve oposição ideológica, uma vez que uma mesma família reinou sobre todo o império e depois na Espanha, num poder único e de uma única dinastia.

Torna-se impossível identificar, historicamente, Europa e Ocidente, impossibilidade que reforça a originalidade de uma cultura europeia rica de heranças religiosas e filosóficas extremamente diversas (WILLAIME, op. cit.:39). Do mesmo modo, torna-se impossível minorizar a importância dos

3 Alain de LIBERA, "Fractures en Méditerranée" in *Islam contre Islam*, Manière de voir, nr. 64, *Le Monde Diplomatique*, juil.-août 2002, p.10.

muçulmanos na Europa Ocidental da atualidade (podemos inclusive citar a importância linguística para portugueses e espanhóis, sendo que na língua portuguesa há mais de mil vocábulos árabes e na língua espanhola mais de quatro mil). Não devendo nos esquecer que, em sua maioria, os muçulmanos europeus originam-se de antigas colônias ou domínios dos países europeus. Na França, a dominação numérica dos muçulmanos originários do Maghreb está ligada às particularidades do império colonial (Cf. Cesari, op.cit.:25). E o peso da história colonial se manifesta igualmente, por exemplo, no caso dos “harkis”, argelinos que combateram ao lado do Exército francês durante a guerra de independência, muitos tendo sido repatriados com suas famílias para a França, no ano de 1962.

Entre Islã e Ocidente, entretanto, os contatos jamais faltaram. Durante séculos os mercadores europeus fizeram um comércio ativo com os muçulmanos. E a base histórica comum da sociedade cristã e da sociedade muçulmana não se limita à tradição das Escrituras. Para Bulliet, não se pode compreender plenamente o passado e o futuro do Ocidente sem levar em conta a relação com o Islã há 14 séculos. Da mesma maneira, isso vale para o mundo Muçulmano. As Cruzadas intensificaram, sim, uma relativa hostilidade mútua – muito mais comercial. Mesmo assim, no entanto, não menos importantes foram os próprios contatos comerciais e sobretudo culturais. Na Espanha, por exemplo, os eruditos cristãos aproveitaram os momentos de paz para traduzir em latim os livros árabes e transmiti-los para a França e Itália. Nos estados cruzados e territórios muçulmanos limítrofes, mercadores italianos e nobres da Europa fizeram a experiência direta da vida quotidiana na sociedade muçulmana e levaram para seu país costumes e ideias.

No trecho que se segue, Jean-Paul Willaime resume, sob seu ponto de vista extremamente atual, toda essa problemática da alteridade:

A alteridade está no coração da Europa e não é apenas externa. É porque a Europa tem algo a ver com o universal que ela não é redutível a uma identidade qualquer, substancial, que se poderia qualificar de “ocidental”, de “cristã”, e que se poderia desfraldar tal qual uma bandeira.

Não apenas porque o Ocidente transborda amplamente a Europa, mas também porque a Europa não se

Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP

<http://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

ISSN: 2238-8060

reduz a sua versão ocidental: o Oriente está na Europa igualmente; não somente porque o cristianismo está hoje em dia muito mais não-europeu que europeu, mas também porque há muitos séculos as terras da Europa foram marcadas por outras culturas religiosas e filosóficas (fontes gregas, latinas, judaicas, árabo-muçulmanas, materialistas...).

São os confrontos, conflitos, diálogos, interpenetrações e fecundações recíprocas que se infiltraram entre essas diferentes culturas que fizeram a Europa e continuarão a fazê-la. (WILLAIME, 2004: 15).

Goody (2004) entende que, mais que uma terra cristã, o continente europeu é na verdade uma encruzilhada de vias de penetração das três grandes religiões do Livro, vindas do Oriente Próximo e originárias de uma mitologia ou de um texto sagrado comuns: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, na ordem cronológica.⁴ Todas essas religiões fazem parte da Europa, do mesmo patrimônio, e exerceram influência política e cultural. Longe de estar apenas em Damasco ou em Bagdad, o islamismo sempre se manifestou na Europa, em Córdoba, em Sevilha, em Palermo, em Atenas ou em Budapeste.

A pluralidade das culturas, a alteridade, as tensões e diálogos constituem a identidade civilizacional da Europa, e notadamente da França.

Conclusão

Chegamos a um termo quanto a esta pesquisa, referente as representações sócio-discursivas da identidade na narração ou na construção do acontecimento através do discurso de comunicação.

É importante observar que a narração dos acontecimentos do 11 de setembro poderia ter tomado outra direção, por exemplo, como um atentado contra a humanidade, uma vez que se trataram de civis de diversas nacionalidades mortos de uma só vez. Podia-se ter chegado ao Tribunal Internacional de Justiça. No entanto, o que vimos foi uma narração que se guiou pelas referências à guerra contra o mal, contra o terrorismo e contra os fanáticos islamistas, guerra liderada pelos Estados Unidos, que, no final, foram

4 Guisan, entretanto, adverte para o fato de que a religião católica medieval, no fundo, não era uma religião do Livro, visto que o Livro era proibido de ser lido; houve um afastamento do Livro.

o país considerado atacado. Mesmo que inicialmente o mundo todo estivesse solidário e se sentisse ameaçado - e mesmo atacado, foram os Estados Unidos que tomaram a liderança de combater o terrorismo, procurar os culpados e fazer justiça através de uma guerra.

Tanto na análise dos artigos quanto nos textos acadêmicos que, de um modo geral, tratam dos assuntos recorrentes, a saber, as entidades mito-ideológicas: aspectos da religião e laicidade; o já propagado choque de civilizações – Bárbaros versus civilizados, Oriente versus Ocidente -; representações de uma determinada identidade; a problemática do Estado-nação; o ineditismo de um acontecimento, que precisou se encaixar no grande esquema paradigmático da cultura.

As estruturas do discurso estão relacionadas a um contexto e a processos representacionais ou socioculturais. De início, tínhamos o fato bruto, posteriormente, as estruturas discursivas obtiveram níveis de descrição e de relação com os processos cognitivos. Suas estruturas textuais, portanto, sempre estiveram dependente do contexto. As representações sócio-psico-discursivas influenciaram a situação social, a narração da situação social, e, posteriormente, foram influenciadas por ela.

Observamos que há um esquema narrativo que facilita a compreensão dos acontecimentos construídos. No entanto, passado o tempo, o esquema narrativo é diferente, e, a nosso ver, isso se deve à própria circularidade entre notícia-leitor-notícia, ou seja, o vai-e-vem da comunicação, ou da informação.

Conclui-se que, deste modo, as representações psico-sócio-discursivas e as ideologias subjacentes às representações estão mediando o discurso, a sociedade e o sujeito.

Outra conclusão a que podemos chegar é que houve o *triunfo da narração*. Nas pesquisas sobre os atentados, a dominação das palavras sobre as imagens mostrou como a necessidade da narração foi preenchida pelo discurso e pelo escrito mais que por elementos visuais. E, muito embora nesta pesquisa não tenhamos tratado da narração histórica, podemos nos indagar se

a narração jornalística contribuiu para enriquecê-la, o que se verá no futuro. Se assim for, a narratividade jornalística terá contribuído para, como diria Ricoeur, a “arquitetura do saber histórico”.

Nas semanas imediatamente posteriores aos ataques e no primeiro aniversário, as questões foram muito mais exploradas pela mídia do que nos anos subsequentes, em que mesmo o número de artigos foi visivelmente reduzido. Obviamente, não se deixou de *comemorar o aniversário*, expressão utilizada pelos franceses, dos ataques terroristas do 11 de setembro, mas não se observavam mais com tanta atenção os aspectos narrativos. Sempre se perguntava como o mundo estava após o 11 de setembro, sempre se discutia a guerra do Iraque ou o responsável pelos ataques. Nos anos que se seguiram ao 11 de setembro de 2001, vários pontos foram colocados em questão, criticados e polemizados, e se observam várias tomadas de consciência. O mundo passou, na construção discursiva - que é a que nos interessa e, finalmente, a que faz o acontecimento ser um acontecimento -, a ser antes e depois do 11 de setembro. A linguagem, como vimos, age sobre o mundo, e vice-versa.

Imediatamente após as imagens televisadas, o que se tinha eram exatamente as imagens, e o fato bruto, não narrado. A partir de então, o ineditismo passou a ser explorado dentro de uma sequência de entidades mitológicas, dentro do esquema paradigmático que se podia ter naquele momento, ou seja, a dicotomia, o choque de civilizações, o Bem contra o Mal. Passado um ano, o discurso já havia sido influenciado por outras questões: o anti-americanismo foi especialmente o foco das questões, embora o choque de civilizações continuasse na mídia.

A narração do fato, ou seja, sua construção no discurso, se deu a partir de um modelo recorrente. Assim, conclui-se o seguinte: 1) ao narrar o acontecimento não se tem apenas o fato em si, mas maneiras de narrar; 2) o narrador está diretamente conectado às ideologias e à cultura da sociedade em que vive e atua profissionalmente; 3) as sociedades hoje são traduzidas pela pluralidade, com mais *continua* que fronteiras, no entanto são ainda bastante restritas ao local, ao que se construiu e se estabilizou como nação; 4) a

Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP

narração está vinculada ao tempo e à preservação da memória, ou, como afirma Ricoeur, para que não se inflija uma «segunda morte às vítimas».

Podemos ainda incluir a narração do 11 de setembro à classe das «narrações heroicas». Existe um esquema narrativo que aborda, em suma, a dicotomia Bem *versus* Mal, herói e vilão, a islamofobia, o antiamericanismo e o ineditismo.

Na França, há certos pontos que minimizam o mito da fratura ou do choque de civilizações. Além de possuir áreas geográfica e culturalmente plurais, onde “Ocidente” e “Oriente” se entrecruzam, há também a questão dos próprios analistas, que interpretam questões identitárias de maneira bastante expressiva e baseadas em pesquisas qualitativas. A reflexão sobre o Outro na França sempre foi longa e rica, como afirma Todorov, e foi central para a construção do acontecimento do 11 de setembro.

Foi possível, em vários momentos, perceber a construção do acontecimento que fugia ao esquema de tópicos inicial - às entidades mito-ideológicas simples, à crença do choque de civilizações (Ocidente versus Islã), à luta do Bem contra a banalidade do Mal, por exemplo -, bem como aspectos fundamentados em pesquisa histórica, e experiência de analistas respeitados. A mídia impressa francesa, portanto, não se ateve a um esquema único e simplista.

Assim como na tradição grega - platônica e aristotélica -, temos uma alternativa de pensamento com relação ao acontecimento: ele fica na memória ou fica na imaginação? Podemos assim nos perguntar se temos memória ou imaginação da construção do acontecimento. Para essa pergunta, não foi possível, aqui, uma definição nossa. Sabemos que o acontecimento narrado precisou se encaixar no grande esquema paradigmático, na cultura, nas representações e, ao mesmo tempo, sua narração enriqueceu esse esquema, e despertou identidades dentro mesmo do Estado-nação.

O discurso jornalístico, ao narrar e, portanto, construir o acontecimento, remete às representações que homens e sociedades fazem de suas

identidades.

Bibliografia

ARKOUN, Mohammed. Penser l'espace méditerranéen aujourd'hui. . *Diogène* nr. 206: 122-150. Avril-juin 2004.

BONNEFOY, Laurent. *La stigmatisation de l'islam et ses limites dans les discours et pratiques des institutions publiques en France et en Grande-Bretagne après le 11 septembre 2001*. Mémoire de DEA présenté à l'Institut d'Etudes Politiques de Paris Cycle Supérieur de Relations Internationales, préparé sous la direction de M. Didier BIGO. 2003

BOUCHERIT, Aziza. Norme, représentation, idéal, imaginaire linguistique? In HOUDEBINE-GRAVAUD, Anne-Marie (sous la direction). *L'imaginaire linguistique*. Paris: L'Harmattan, 2002. P. 25-39.

BOYER, Henri. Matériaux pour une approche des représentations sociolinguistiques. Eléments de définition et parcours documentaire en diglossie. *Langue Française*, février 1990, 85, P. 102-124.

BULLIET, Richard W. *La civilisation islamo-chrétienne*. Son passé, son avenir. Flammarion, 2006.

BURGAT, François. *Que islamismo aí ao lado?* Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Tradução: Angela S.M.Corrêa. São Paulo: 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. *Les médias et l'information*. L'impossible transparence du discours. Bruxelles: De Boeck, 2005.

CESARI, Jocelyne. *L'Islam à l'épreuve de l'Occident*. Paris: La Découverte, 2004.

CESARI, Jocelyne. *Faut-il avoir peur de l'Islam?* Presses de Sciences PO, 1997.

DAGENAIS, Diane & MOORE, Danièle. Représentations ordinaires du plurilinguisme, transmission des langues et apprentissages chez des enfants, en France et au Canada. *Langages* 154: 34-46. Juin 2004.

GAJO, Laurent. Disponibilité sociale des représentations: approche linguistique. *TRANEL*, 2000, 32, P. 39-53.

GOODY, Jack. Démocratie, valeurs et modes de représentation. *Diogène* nr. 206, avril-juin 2004. Pp. 6-22.

GOODY, Jack. *L'Islam en Europe*. Editions la Découverte, 2004.

GOODY, Jack. L'Eurasie et les frontières entre l'Orient et l'Occident. *Diogène* nr. 200, octobre-décembre 2002, pp.141-146.

HOUEBINE-GRAVAUD, Anne-Marie (sous la direction). *L'Imaginaire Linguistique*. Paris: L'Harmattan.2002.

JODELET, Denise. Représentation sociale: phénomènes, concepts et théorie. In: MOSCOVICI, Serge(direction). *Psychologie sociale*. Paris: PUF, 1988. p. 357-378.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Terror e mídia: história e economia simbólica no limiar do século XXI. *Revista Estudos Históricos*. N. 31 – Número temático "Mídia". Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2003. p. 41-63.

MEDDEB, Abdelwahab. *La Maladie de l'Islam*. Seuil, 2002

MOSCOVICI, Serge (direction). *Psychologie sociale*. Paris: PUF, 1988.

NEGRI, Antonio & HARTDT, Michael. *Empire*. Harvard University Press, 2000.

PY, Bernard. Le discours comme médiation. IN Berthoud, Anne-Claude et Mondada, Lorenza (textes recueillis et édités par). *Modèles au discours en confrontation*. Peter Lang, 2000.

PY, Bernard. Pour une approche linguistique des représentations sociales. *Langages* 154: 6-19. Juin 2004.

RICOEUR, Paul. *Parcours de la reconnaissance*. Folio Essais. (Éditions Stock) Gallimard, 2004.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Ed. du Seuil, 2000.

ROSENFELD, Denis Lerrer. *Retratos do Mal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

ROSENFELD, Denis Lerrer & MATTÉI, Jean-François (editores). Terror e barbárie. *Filosofia Política*. Número temático "O Terror", série III, n.4. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.

SAID, Edward. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. Companhia das Letras. 1990.

_____. *Cultura e Imperialismo*. Companhia das Letras, 1995. (*Culture et impérialisme*. Librairie Arthème Fayard – Le Monde Diplomatique, 2000).

Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP

VAN DIJK, Teun A. [Discourse, ideology and context](#). *Folia Linguistica*, XXX/1-2, 2001, p. 11-40.

VAN DIJK, Teun A. *Ideology: a multidisciplinary approach*. London: Sage Publications, 1998.

VAN DIJK, Teun A. Discourse as Interaction in Society. IN VAN DIJK, T.A. (Edited by) *Discourse as social interaction*. London: Sage, 1997

VAN DIJK, Teun A. De la grammaire de textes à l'analyse socio-politique du discours. *Le*

Français dans le Monde: Le Discours: enjeux et perspectives. Juillet 1996.

VAN DIJK, Teun A. Discourse semantics and ideology. *Discourse & Society*. Vol 6 (2). London, Thousand Oaks, CA and New Delhi: Sage, 1995a. p. 243-289.

VAN DIJK, Teun A. Discourse analysis as Ideology analysis. In: C. Schäffner & A. Wenden (Eds.), *Language and Peace*. Aldershot: Dartmouth Publishin, 1995b. p. 17-33.

VAN DIJK, Teun A. [Discourse and cognition in society](#). In D. Crowley & D. Mitchell, *Communication Theory Today*. Oxford: Pergamon Press, 1993. p. 107-126.

VAN DIJK, Teun A. [The interdisciplinary study of news as discourse](#). In: K. Bruhn-Jensen & N. Jankowski (Eds.), *Handbook of Qualitative Methods in Mass Communication Research*. London: Routledge, 1991. p. 108-120.

VAN DIJK, Teun A. *News as discourse*. Hove and London: LEA, 1988.

WILLAIME, Jean-Paul. *Europe et Religions. Les enjeux du XXIe siècle*. Bibliothèque de culture religieuse. Librairie Arthème Fayard, 2004.

WOLTON, Dominique. Avant-propos. Le moment de la communication. *Hermès* 38, 2004, P.9-11.

